estética, sem preocupação. Foi escrevendo, foi falando aquilo que sentia, que lembrava e que em muitos pontos ainda doia.

> "... Daí, empurrando a mão devagarzinho antes de mexer os joelhos toquei num arame... Com os dedos reconheci um ZZ 35. Meti um dos meus pinos no furo e cortei o *trip wire*. Fui descendo a mão e encontrei outra *Schrapnel* que desarmei também. Toquei em frente...".

Dentro do emaranhado das sutilezas técnicas dos vários explosivos *Schu, S, Teler 42,* etc., cada tipo vai sendo apresentado aos soldados encarregados do seu desarmamento, esclarecendo suficientemente o leitor leigo, sem deixar de lado o enfoque técnico-militar.

Sem fazer de seu livro uma crônica da Segunda Grande Guerra, e nem mesmo tornar o pelotão do desarmamento de minas o fator fundamental da da participação da FEB na Itália, *Mina R* fala dos problemas militares e pessoais em que se debatiam os pracinhas. Num relato simples mas firme, as angústias, ilusões e anseios são agilmente focalizados, dentro da repulsa pela guerra na saudade de casa e dos companheiros mortos, e do espírito de um dever a ser cumprido impessoalmente, com honra, com vigor.

Roberto Antônio de Mello e Souza trouxe latente por muitos anos estas lembranças, para apresenta-las agora, vivas e ainda quentes dos seus próprios sentimentos, como se nenhum tempo houvesse passado.

> "... E aqueles nove dias na escola com seus amigos tão bons foi uma das melhores coisas que aconteceram naquela guerra cheia de maus momentos...".

JOSÉ CARLOS VASCONCELLOS

* *

*

FRANCIS (Paulo). — *Nixon X Macgovern: as duas Américas*. São Paulo. Livraria Francisco Alves. 170 pp.

Numa época em que os manipuladores das notícias reivindicam para si critérios tais como, neutralidade e objetividade jornalísticas, o livro de Paulo Francis aparece como uma ilha dentro deste vasto oceano de "comunicação". Herdeiro de uma tradição bastante rara na imprensa brasileira, se coloca como um dos únicos polemistas profissionais que existem entre nós. Fiel ao extremo a essa técnica, adquirida como ele mesmo diz, através das leituras de Bernard Shaw, tenta dar a cada frase sua uma idéia nova, para chegar a um grau de complexidade próprio de qualquer estudo analítico de fatos. E não é pouca a sua contribuição em várias áreas do conhecimento. Seus assun-

tos variam desde teatro, lugar da primeira experiência profissional, à literatura, cinema e política. Em todos os trabalhos está marcado o próprio cerne de sua perspectiva jornalística. Francis não acredita na neutralidade, nem tampouco na objetividade dos canais de informação. Em suas análises os fatos aparecem ligados a uma interpretação, e esta ligada à própria visão de mundo do Autor. E não resta dúvida que seus melhores trabalhos são aqueles em que o tema é a política.

Sua iniciação em política se deu por motivos morais e estéticos. Como êle mesmo diz:

> "Tenho nojo e horror infinito aos homens que exploram outros homens, os pobres me chocam profundamente, porque os sei desnecessários, produtos da cupidez de 1% da humanidade ... Manter minha própria sanidade, dignidade e estar sempre em defesa dos que estão por baixo, é o máximo que posso fazer".

Entender isso, é alcançar a visão política do autor, impregnada pela própria irracionalidade de nossos dias, nos quais as maiores atrocidades são cometidas em nome dos mais belos ideais.

Para Francis, portanto, fazer jornalismo é tomar partido contra todos os desarranjos de nossos dias, que vão desde os assassinatos em massa (Stalin, Hitler, Vietnã), até os cerceamentos individuais impostos pela difusão da cultura institucionalizada pelos meios de comunicação de massa.

*

E a análise crítica de Francis resolveu penetrar na cena principal do espetáculo de Tio Sam, durante as eleições de 1972. Era de se esperar que seu trabalho se apresentasse um tanto inseguro, pois, mesmo guardando as devidas proporções, existe um enorme abismo entre as condições políticas e jornalísticas do Brasil e dos EEUU. Entretanto, parece que o Autor tomou uma injeção de vitalidade, participando corpo à corpo com todo o processo eleitoral americano. Seu trabalho não é uma crítica distanciada dos acontecimentos, mas sim, escrito linha por linha durante o próprio transcorrer do período eleitoral. Como Francis conseguiu tamanha proximidade com a cultura americana, a ponto de realizar uma análise tão viva da disputa Nixon x McGovern, é uma das primeiras questões a se levantar. Para tanto, pode-se buscar esta resposta nas próprias palavras do Autor, quando de uma entrevista concedida poe ele no semanário *O Pasquim* de 17-6-1971:

> "Sou um produto da classe média, neto de estrangeiros, Zona Sul, Rio de Janeiro, no final do Estado Novo, que secou as energias intelectuais de uma geração. Meu grupo de aspirantes a intelectuais tinha de buscar verdades (e há busca mais desesperada no adolescente sensivel?) em inglês, porque os EEUU, a partir de 1934, ditaram culturalmente as modas aqui. Nos deram muitas coisas boas e muitas péssimas. Houve gente que escapou disso, eu, não".

Com esta proximidade cultural é que o autor penetrará na mais profunda contradição do sistema americano. Este país que é o porta-voz de todos os movimentos reacionários no mundo, apresenta no seu interior as mais sólidas instituições democráticas da atualidade. Sem entender nada mais do que isso, temos os exemplos atuais estampados em toda a imprensa mundial, tais como a publicação dos *Documentos Secretos do Pentágono,* e o atualmente tão falado *Caso Watergate*. Essa incrivel vitalidade do sistema só poderá ser entendida do ponto de vista de sua estrutura, e esta aparece ligada inevitavelmente ao passado histórico. Toda a contestação e oposição internas ao sistema, que tornaram os EEUU os melhores críticos de si próprios por um lado, junto a um controle quase totalitário de poder por outro, tem suas causas mais profundas na política exterior do país. O Vietnã representa sem dúvida o ponto mais fundo da derrocada da política externa dos EEUU. Com ideais que se preservaram desde a Doutrina Monroe, a América sempre se apresentou como a guardiã da paz internacional, política que justificava e dava ênfase ao intervencionismo, desde a América Latina até a mais recente ação no Sudeste Asiático. E para esta "Cruzada" os EEUU sempre se sentiram os parceiros de Deus, eleitos na terra para preservar os ideais de alta moralidade, tais como, a lei e a ordem. Entretanto, parece que o Vietnã mostrou o lado mais dramático da questão, pondo em dúvida todo o poder imanente e "divino" dos EEUU. O trauma psicológico causado pelo Vietnã em toda a população civil americana não é dificil de se verificar. O país virou de cabeça para baixo, graças a ação generalizada de contestação de estudantes incorformados com a política tanto interna, quanto externa do governo.

Será em torno desta política externa que versará praticamente a base eleitoral dos dois candidatos, Nixon e McGovern. Francis entrará no problema exatamente por este ponto, analizando a plataforma política dos candidatos representantes dos dois maiores partidos americanos (Republicano e Democrático), como lados de uma mesma moeda. Em uma face, a campanha política de Nixon, voltada ostensivamente para o retorno da moralidade. Os ideais do puritanismo, os benefícios do sacrifício do trabalho, a virilidade do homem da "conquista do oeste"; o fim da guerra do Vietnã através da "Paz com Honra". No outro lado da moeda, a candidatura de McGovern resultante insofismavel do fracasso americano no Vietnã. Com a evidência desta derrocada, principalmente, a partir de 1968, na ofensiva do Tet, surgiram os levantes universitários, que foram os primeiros elementos da sociedade a desacreditarem totalmente na política externa do país. Esses estudantes, embora nunca tenham se organizado realmente, causaram barulho suficiente, a tal ponto, que quatro anos depois provocaram uma série de mudanças na vida política institucional dos EEUU. A principal delas foi a alteração do partido Democrata, permitindo a ascensão de McGovern, que com sua plataforma reformista seria o lider do conjunto inconformado da população.

Francis para decifrar todo este emaranhado de problemas, não só aprofundará sua análise no comportamento geral da sociedade, como tambem penetrará no universo psicológico dos dois candidatos. A retrospectiva da história americana desde o início da Guerra Fria, dará ao leitor um quadro bastante amplo das transformações ocorridas no interior da sociedade. E dentro desse conjunto aparecerá a figura de Nixon com todas as suas conhecidas atitudes políticas desde Eisenhower até sua ascenção ao poder em 1968 e a sua ação como primeiro mandatário. O desempenho político de Nixon e McGovern é sem dúvida alguma a parte mais envolvente da análise de Francis. É aí que se percebe toda a infraestrutura institucional de poder, responsavel pela vitória de Nixon, ao lado da insegurança política de McGovern, que se evidenciaria finalmente no caso do afastamento de seu candidato à vice-presidência Tom Eagleton.

A análise do autor não para na vitória final de Nixon. Toda uma série de questões é colocada a partir da reeleição do candidato do Partido Republicano. Uma dessas questões se refere à grande expectativa de que o presidente eleito talvez não personifique o seu partido, e sim a própria dimensão do poder. Muitos perigos são salientados por Francis, desde a supressão de algumas liberdades públicas à ambígua proposta de pacificação do Vietnã.

Com esse trabalho, tão significativo para o entendimento da política dos EEUU, Francis inicia talvez uma nova fase de sua vida profissional no jornalismo. Inspirado, sem dúvida, numa tradição na qual a maior figura é Norman Mailer, tenta fazer a história no momento da própria ação. Os resultados do livro em questão, se positivos ou negativos, ficam submetidos à apreciação dos leitores interessados.

Por fim, deve-se ressaltar a importância de um fato, sem o qual seria impraticavel a realização deste livro. Apenas dentro do livre jogo democrático sem impedimentos à liberdade é que se objetiva e concretiza uma série de expectativas e opiniões. Deixemos que as palavras do próprio Francis expressem a realidade deste fato:

> "Espero que o leitor se divirta. A política democrática tem sempre uma componente de circo. Mas é melhor que nada".

EDGAR SALVADORI DE DECCA